

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: análise em duas escolas
da cidade de Codó-MA

ANTONIA GEANE DOS SANTOS FERREIRA

Codó
2020

ANTONIA GEANE DOS SANTOS FERREIRA

RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: análise em duas escolas da cidade de Codó-ma

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII- Codó, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Gleiciane Brandão Carvalho

Codó
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Antonia Geane dos Santos.

RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: : análise em duas escolas da cidade de Codó-MA / Antonia Geane dos Santos Ferreira. - 2020.

63 f.

Orientador(a): Gleiciane Brandão Carvalho.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, CODO, 2020.

1. Escola. 2. Negro. 3. Pré-conceito. 4. Professor e Aluno. I. Carvalho, Gleiciane Brandão. II. Título.

ANTONIA GEANE DOS SANTOS FERREIRA

RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: análise em duas escolas
da cidade de Codó-MA

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão,
Campus VII- Codó, como requisito para obtenção de
grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ____ de ____ de _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Ma. Gleiciane Brandão Carvalho – UFMA
(Orientadora)

Ma. Grace Kelly Silva Sobral Sousa – UFMA
(1ª Examinadora)

Dr. Aziel Alves de Arruda – UFMA
(2º Examinadora)

Codó
2020

Dedico este meu trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, a minha Mãe Joana Brita e à toda minha família e amigos mais próximos, por me ajudarem nesta minha construção para o crescimento profissional.

AGRADECIMENTOS

Hoje, sinto-me extremamente grata por concluir o Ensino Superior em Licenciatura em Pedagogia no Campus Codó, pela Universidade Federal do Maranhão, o meu obrigada a está instituição.

Aos meus professores, os quais tenho grande apreço, por serem quem são e o quanto eles contribuíram para minha formação, em especial minha orientadora, Gleiciane Brandão Carvalho, por direcionamento de textos, orientação, seu grande desempenho em me ajudar e amizade sincera.

Ao Programa Residência Pedagógica juntamente com Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por me proporcionar a está bem mais próximo das crianças a qual me levou a realizar esta pesquisa que é de extrema importância para a Cidade de Codó-MA.

Aos amigos de sala, esses eu não poderia esquecer, em especial, Fabiana, Raquel, Karen, Erica Queiroz, Sebastiana, Deusilene, Maria do Carmo, Joelma, Claudinha, Denilson e Maria Leia.

A minha mãe, Joana Brito dos Santos Ferreira, que sempre me incentivou a estudar, mesmo não tendo e nem podendo me dá de tudo, mas que foi e é sempre meu grande exemplo, e aos meus irmãos, Ananilza, Antonio, Henrique e Raimunda.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa que busca discutir sobre as questões étnicas raciais dentro de duas escolas Municipais, para com alunos e professores da cidade de Codó-Ma. A presente pesquisa apresenta dois caminhos metodológicos para sua realização: primeiro é de caráter bibliográfico que se deu principalmente pela leitura de livros, periódicos a acerca do tema, buscas em sites e autores: CHABANNE(2006); CARNEIRO (2011); FREIRE (2011), o segundo trata-se de pesquisa de campo, no que foi realizado visitadas em duas escolas do ensino fundamental, no qual a pesquisa teve como objetivo conhecer as relações e reações de alunos e professores dentro da instituição, sobre as questões raciais. Os dados foram coletados por meio de dois questionários um direcionado para educadores outra para educandos. Com a pesquisa, foi possível perceber que os pré-conceitos ainda é perceptível dentro dos ambientes escolares, que os alunos precisam saber mais sobre o devido tema, e professores necessitam ainda mais discutir sobre a valorização das relações étnicas raciais, como também ir em busca de formação, para assim se construir uma cidadania de verdade e com valor. As escolas ainda se encontra em uma grande preocupação.

Palavras-Chaves: Negro; Professor e Aluno; Escola; Pré-conceito.

ABSTRACT

This work is a research that seeks to discuss about racial ethnic issues within two municipal schools with students and teachers in the city of Codó-MA. The present research show two methodological ways for your realization: first it is of bibliographic character that happened mainly for the reading of books, journals about the theme, search websites and authors: CHABANNE(2006); CARNEIRO(2011); FREIRE(2011), the second is about field research, in which two elementary schools were visited, in which the research objective to know relationships and reactions of students and teachers into the institution, about the racial issues. The data were collected through two questionnaires a directed to educators another to students. With the research, it was possible to realize that prejudice is still noticeable within the school environments, the students need to know more about the right topic and teachers need even more to discuss the appreciation of racial ethnic realities, as well as looking for information, in order to build real and valuable citizenship. The schools are still in great concern.

Keywords: Black; Teach ande student; School; Prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. AMBIENTE ESCOLAR E IDENTIDADE	14
1.1. Escola como produtora de identidade	17
2. A HISTORICIDADE DA LEI 10.639/2003	21
3. ALÉM DA ESCOLA	27
3.1 Campo escola	27
3.2 Um pouco sobre os pesquisados	28
4. DIÁLOGOS ENTRE ALUNOS: SOBRE ESTÁ EM SALA DE AULA	30
4. 1 Discriminação: O que dizem os Professores	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APENDICE	62

INTRODUÇÃO

Em 2003 foi aprovado, por meio das lutas dos movimentos sociais especificamente o movimento negro, a Lei 10.639/2003¹ que determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro Brasileira nos bancos escolares, assim em buscar de compreender o local social da população negra na sociedade brasileira.

Mesmo com a obrigatoriedade da temática nos bancos escolares, é possível perceber escassez de conteúdos ligados ao tema nas instituições de ensino dentro das escolas públicas. No município de Codó², é perceptível, assim por meio dos estágios realizados no decorrer da minha graduação, que as questões referentes ao preconceito racial estão presentes diariamente nas salas de aula do ensino fundamental, me levando a realizar a pesquisa.

Outro fator que me trouxe a essa pesquisa refere-se ao vivenciado na infância no decorrer do meu ensino fundamental, tendo em vista que sofri preconceito devido a minha cor e não enquadramento nos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade.

Alguns fatos ocorridos durante esse período me causaram traumas que até hoje busco superar, por diversas vezes não pude dançar em festas juninas ou desfilar no dia sete de setembro, por ser negra e gorda, e as alunas escolhidas pelos professores para os locais de destaque eram sempre brancas de olhos claros e magras. Com isso, comecei a me sentir inferior as outras meninas o que atrapalhou a minha aprendizagem em todo o ensino fundamental, médio e até mesmo na universidade.

Ao entrar na universidade fui construindo uma nova identidade, a qual já deveria ter construído, mas tudo é em seu devido tempo. Sendo assim vejo que é bastante instigante realizar esta pesquisa para a contribuição do ensino da cidade de Codó-Ma. Segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação (IBGE) Prova Brasil realizada na 4º serie / 5º ano, no qual mostra que a educação não deveria estar onde está em 2017 alcançou o índice de 4.4 sendo que estava previsto para ser alcançado 4.5, portanto, pretendo responder como as questões étnico-raciais ligadas ao

¹ Lei disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98883/lei-10639-03> acesso em 03 de março de 2019.

² Cidade situada a 290 km da capital maranhense, aproximadamente com 122 habitantes, segundo o IBGE 2019.

preconceito e ao racismo afetam a aprendizagem das crianças no ambiente escolar. Conhecer as práticas de planejamento dos educadores para com as questões étnico-raciais como também as atitudes dos alunos, e elencar possíveis prejuízos causados pelo preconceito.

Charter (1991), afirma que a história de uma sociedade, contém de práticas culturais, sendo assim, é impossível fazer divisões sociais. Por tanto, nossa sociedade é composta por diversas identidades, e cada ser humano tem mais que uma identidade, identidades essas que são construídas por uma convivência produtiva. Como é afirmado por CHABANNE (2006), o educando antes mesmo de entrar na escola ele já é um ser humano, que de onde vem traz consigo condições já vivenciadas.

Nesse sentido, para a realização do trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca as questões raciais dentro do ambiente escolar, para tanto foi utilizado Chabanne, 2006; Carneiro, 2011, Freire 2011, não buscou esgotar as leituras sobre o tema, mas priorizar aquelas que fossem auxiliar na pesquisa. Posteriormente foi realizada visita no período de 22/08/19 a 20/11/19 em duas escolas municipais que aqui serão chamadas de *Lírio* e *Estrelícia*³ com o intuito de perceber as relações estabelecidas por alunos, professores e funcionário no âmbito da sala de aula e do intervalo, mais adiante de entrevistas e rodas de conversa com professores para buscar mais informações sobre este convívio escolar.

Com isso, o trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo que no primeiro abordarei sobre o Ambiente Escolar e Identidade, assim destacando a Escola como produtora de identidade.

No segundo será discutido sobre a História da Lei 10.639/2003, assim trazendo a importância da mesma para o ambiente escolar como também o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacional, o que se foi elaborado perante as circunstâncias das escolas que reflete no meio social que é nada mais que a Educação das relações étnico-raciais como também o ensino de História e a Cultura Afro-brasileira e Africana dentro da sociedade.

No terceiro capítulo será abordado a realidade das escolas Lírio e Estrelícia. Diante disso segue adiante a importância de ressaltar sobre as Responsabilidade das Instituições de Ensino, o que realmente é responsabilidade

³ Os nomes utilizados são fictícios para preservar a imagem da escola e a identidade dos professores e alunos.

destas escolas. No quarto será abordado o resultado da pesquisa, a realidade de alunos e professores dentro das instituições.

1. AMBIENTE ESCOLAR E IDENTIDADE

O ambiente escolar é um local que auxilia na construção identitária e institui valores que auxiliam na (des) construção de estereótipos que inferiorizam a população negra, nesse sentido, entende-se que o ambiente escolar é uma local de interação, diálogo, mas que em algumas situações legitimam desigualdades. Nesse sentido compreendemos a escola como um espaço privilegiado na formação social do indivíduo.

No ambiente escolar é possível encontrarmos também dificuldades, que se tornam obstáculos para nossos alunos, por exemplo, quando vamos realizar algo em qualquer que seja a área, precisamos passar por um longo ou curto processo de aprendizagem, nesse percurso é possível encontrarmos obstáculos. Quando assim, nos deparamos com estes obstáculos logo temos uma reação, que muitas das vezes nos levam a desistir ou até mesmo ir muito mais além do que desejávamos. Com as crianças não é diferente, esses obstáculos são as dificuldades que impede de aprender ou até mesmo de realizar algo. Como afirma Chabanne Jean (2006, p.12) “Dificuldade” é um termo que caracteriza momentaneamente o procedimento de uma pessoa em relação a um objeto. A dificuldade se manifesta quando, em sua trajetória, a pessoa encontra obstáculos.”

Na escola, as crianças encontram grandes dificuldades, as quais elas muitas das vezes não conseguem encontrar soluções. A maior parte de nossos alunos desiste de estudar pela presença dessas dificuldades, as quais eles mesmos não conseguem encontrar uma solução. Isso é preocupante. Quando se dá o primeiro passo “O aluno, a criança vai descobrir uma nova identidade ao entrar na escola”. (CHABANNE JEAN, 2006), é neste momento que é fundamental o esclarecimento de que nossa sociedade é composta por diversas culturas, levando a criança a entender que o mundo é formado por múltiplas identidades.

O ingresso na escola, em sua dimensão dinâmica, é eminentemente simbólico, é uma verdade, mas não apenas isso: os gritos, os choros, o sofrimento silencioso e furtivo das crianças no primeiro dia de aula expressam claramente uma angústia, uma dificuldade evidente e dolorosa. Desde os primeiros minutos na escola, a criança é analisada, julgada, avaliada em relação aos outros, e portanto, desde os primeiros minutos, lhe é conferido o *status* de aluno. Cabe a ela, agora, explorar essa nova identidade por meio das linguagens e das representações dos colegas e dos professores, pelos anseios observados – na ausência deles – na dialética complexa a de ensinar-

aprender que seus professores vivem, pelas normas da escola e do grupo, pelas regras simbólicas expressas nos códigos de aprendizagem da leitura, da escrita e da aritmética... e pelas múltiplas expectativas: o aluno é esperado, em algum lugar, mais tarde, mas longe (CHABANNE JEAN, 2006, p. 12 – 13).

É comum esperar de uma criança algumas reações em seu primeiro contato com a escola, professores e futuros colegas, esse tipo de reação irá depender muito de seu jeito de ser. Pode se dizer, que até então é o primeiro passo para ter um contato com outras pessoas, fora a de sua família, mas, esse comportamento passa tão rápido ou até mesmo leve um longo tempo.

Por tanto, o aluno é esperado em algum lugar, e por alguém. Na escola, com ele cabe junto ao professor descobrir e explorar sua nova identidade, por meio de linguagem e reações para com alunos e professores. Indo em busca de vivenciar ao seu redor, estará tanto aprendendo como também ensinando, logo porque também se aprende com uma outra criança. O educador, em seu primeiro contato com os alunos, precisa estabelecer um ambiente escolar, como o que não permite desigualdades, logo porque a criança leva ao seu lado algumas reações e conceito já construídos, o professor precisa ter um olhar mais cuidadoso.

A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autossuficiente”. Ainda nesta perspectiva o autor diz que a identidade depende da diferença, pois é a partir da diferença que se poderá definir a identidade. Nós somos responsáveis para produzir a diferença e identidade, em nossa auto relação com o social e cultural. Em relação a criança não se torna diferente.

Na medida em que é uma operação de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do "dentro". A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade (TADEU DA SILVA, 2000, p.04)

Quando o autor fala anormal ele se refere ao diferente, logo porque o anormal não existe. O anormal (diferente) levará ao normal (construção de

identidade), assim como a identidade e a diferença. Para o autor a diferença faz parte da construção da identidade. O que o outro não tem, o seu próximo pode ter, isso é diferente para ambos. A produção da diferença faz com que a formação da identidade aconteça naturalmente, que é um problema social e pedagógico e curricular, que precisa de um grande apoio e procedimento.

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. (TADEU DA SILVA, 2000, p.08)

A escola não fica tão longe desta realidade, as crianças e jovens são direcionados a está em contato com essa transformação social e indenitária, por tanto, deve se ter uma preocupação pedagógica em relação com as diferenças dos alunos, assim buscando estratégias pedagógicas para que a interdição com o outro ocorra da melhor forma, assim direcionando o respeito que é fundamental para o convívio em sociedade.

Cultura popular, mercantilizada e estereotipada como é frequentemente, não constitui, como às vezes pensamos, a arena onde descobrimos quem realmente somos a verdade da nossa experiência. Ela é uma arena profundamente mítica. É um teatro de desejos populares, um teatro de fantasias populares. É onde descobrimos e brincamos com as identificações de nós mesmos, onde somos imaginados, representados, não somente para o público lá fora, que não entende a mensagem, mas também para nós mesmos pela primeira vez. (STUART HALL, 2009, p.329).

O convívio em sociedade é marcado por culturas populares, no que levará o ser humano a descobrir quem realmente é, assim, com a própria experiência. É onde a criança descobre por meio de brincadeiras as identificações delas mesmas, que muitas das vezes muitas pessoas não entendem o grande significado da importância de se descobrir, viver sua própria identidade cultural. Logo porque ela tem seu próprio valor.

É da cultura popular, que mais adiante levará a uma construção de patrimônio⁴ cultural que é indispensável em uma sociedade. A mediação é uma importante ação por permitir o avanço na abordagem comunicacional da memória e do patrimônio, bem como das condições de circulação de saberes.

Para Raymundo Netto (2020), “Convém ressaltar que a proposta de “educação patrimonial” do próprio *Iphan* pressupõe um conhecimento de várias noções de patrimônio”. A valorização da educação patrimonial, assim valorizando o território de onde a criança está é de forma indispensável, pois partindo do conhecimento já prévio se torna mais fácil para que a alfabetização aconteça.

1.1. Escola como produtora de identidade

Quando se fala em escola se espera muito desta instituição, é importante ressaltar que está há um conjunto de elementos que realiza suas funções para algo acontecer e funcionar, isso depende do gestor, do porteiro, da merendeira, do educador, do pedagogo e da principalmente da família. A escola é primeiro passo que se dá para se tornar um cidadão, é nele que se constrói “educação” junto à família, assim em busca de outros conhecimentos.

Além disso, escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido. Em outras palavras, escola é, por excelência, a instituição da alteridade, do estranhamento e da mestiçagem – marcas indeléveis da medida de transformabilidade da condição humana (AQUINO JULIO, 1998, p.138).

Nas instituições escolares, é um dos lugares em que encontramos a transformação da condição humana, descobrindo o mundo e suas diferenças, buscando e levando mais conhecimento sobre o que lhe envolve. É o local onde se

⁴ É tudo aquilo que alguém faz e diz a respeito dele (reivindicado e apropriado). Herança ao recebido. Designado patrimônios na sociedade, este se mantém por memória – Identidade. Disponível em: Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio / vários autores; organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

estuda sobre o outro e a diferença, como também acontece à mistura de várias etnias. Escola é lugar de aprendizagem.

Isso é evidente que a escola leva a construção de identidade, mas que necessita de direcionamento sobre esta construção, sendo o papel do educador levando diversos direcionamentos de estudos. Para que isso ocorra dentro da escola, é um grande desafio para as escolas de hoje. Mas que nada pode ser impossível, só saberá de um resultado se ao menos houver uma tentativa. Podemos usar um dos grandes escritores da educação.

Em vista às ideias educacionais de Paulo Freire. Em seu livro *Educação como Prática da Liberdade*, vem trazer informações importantes, no que descreve um método que utilizou para alfabetização de adultos, assim buscando em primeiro momento conhecer sobre estes, que seriam alfabetizados. Depois de conhecer sobre aqueles que tinham o desejo de ler e escrever para Mudar o mundo, foi necessário levar a cultura para a visualização da palavra, no qual tem como representação da situação, para melhor identificação de “pedaços”.

Assim, também podemos levar para a produção de identidade, assim em primeiro lugar conhecer sobre o alunado, para apresentar mais informações, no que estará levando a construção e valorização sobre sua própria identidade. Creio que ambos são indispensáveis para os nossos alunos, alfabetizar e levar a construção da identidade por meio do método de Paulo Freire, isso sim é possível.

É preciso levar a liberdade⁵ aos nossos alunos, para que não possam ser oprimidos, para não ficar à mercê de quem detém o conhecimento “...infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído é acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele” (PAULO FREIRE, 2011, p. 62).

“No qual é perceptível que apenas os tempos mudam, mas não percebe a significação da passagem, se bem que a sofra, por tanto, está mais imerso nela que emerso” pode se mudar essa realidade por meio da educação. “Necessitávamos de

⁵ É levar o conhecimento para o aluno, para que assim saia da mesmice.

uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (PAULO FREIRE, 2011, p.117).

Uma educação que possibilita ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “cachos”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (PAULO FREIRE, 2011, p. 118 – 119).

Levando o homem a se depara com ônus e saber buscar soluções, com a educação, creio que tudo é possível. “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser farsa”. (PAULO FREIRE, 2011, p.127).

Sendo que uma parte de crianças, negras e pobres está fora e nem ao menos têm acesso à escola, sendo que a educação é estabelecida pela LDB no Art.3. No que é declarando: “Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Todas as crianças negras e pobres tem direito a escola com igualdade com todas as outras, e com condições de acesso, sendo que no Brasil tem uma classificação:

No Brasil, a classificação é de cor, não é dicotômica (branco *versus* negro) e fluida, não sendo determinada exclusivamente pela origem, havendo, assim, a possibilidade de passagem da “linha de cor” em decorrência da combinação fenotípica e do status social do indivíduo. Isso se traduz pelo ditado: “o dinheiro embranquece” (JULIO AQUINO, 1998, p.74).

É bem estabelecido pelo autor, de quem realmente mantem o status na sociedade, sendo a linha de cor, no que diz que os brancos têm dinheiro e sempre permanece com um “bom” status na sociedade. Somente os brancos mantem o poder, os negros não têm seu próprio espaço.

Distribuição regional dos dois grupos raciais: os negros concentraram-se nas regiões economicamente menos desenvolvidas (principalmente no Nordeste), onde as oportunidades ocupacionais e educacionais eram muito limitadas; e os brancos, na região Sudeste ou Brasil desenvolvido. Porém, estudos recentes vêm mostrando de

forma sistemática que mesmo nas regiões geográficas mais desenvolvidas, os indicadores sociais (mortalidade infantil, esperança de vida, rendimento, escolaridade, saneamento básico) evidenciam sempre piores condições de vida para a população negra, mesmo quando comparada à população branca de mesmo nível de renda, apontando para um componente específico de discriminação racial (JULIO AQUINO, 1998, p.74).

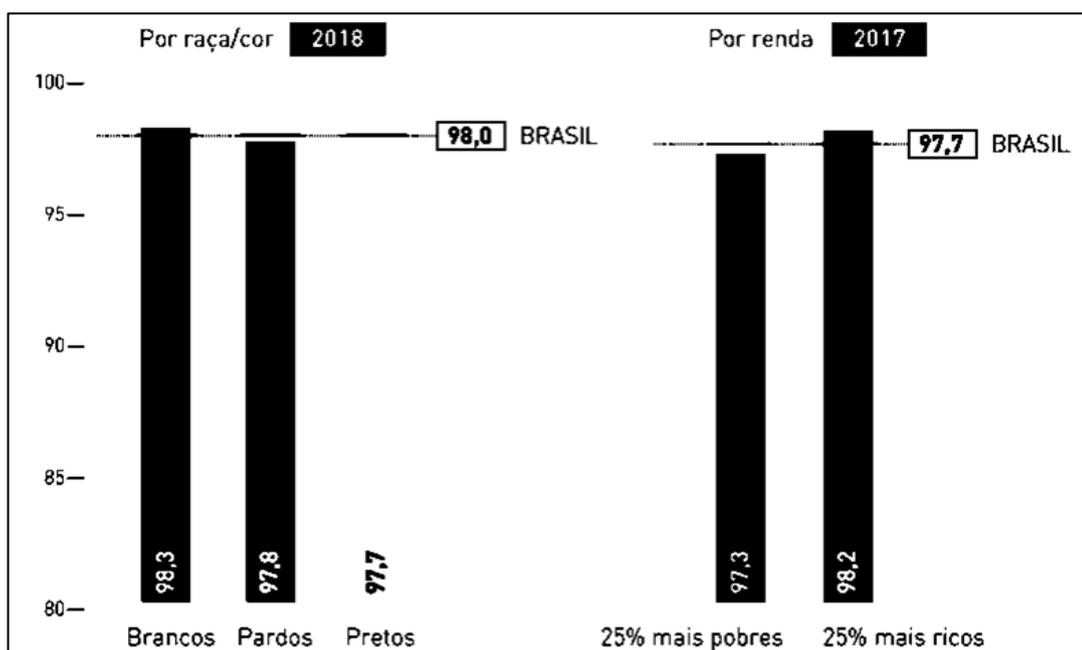
Referente ao que o autor diz, podemos considerar a sociedade dividida em dois grupos, ele se refere a regiões. Pode se dizer que o primeiro são os negros, no que se encontram menos favorecidos, onde não há oportunidades, principalmente referente à educação. A pior condição de vida é para a população negra.

A sociedade atual fala em amor, prega o amor. Um amor que não ama o outro como realmente ele é. “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não à vida” (PAULO FREIRE, 2011, p.90). O que se pode ver é a morte de pessoas, não me refiro a sangramento, mas sim em matar o outro em palavras, em não acesso aos lugares que é de seu direito.

2. A HISTORICIDADE DA LEI 10.639/2003

Sabe-se que no decorrer da História ensinada no Brasil, à população negra e, sobretudo os negros africanos, foram silenciados, visibilizados e inferiorizados, fato que acarretou em uma representação errônea e recheada de estereótipos acerca do que representava ser uma pessoa negra no país.

IMAGEM – 01: Ensino Fundamental – Taxa líquida da matrícula no ensino fundamental (Brasil/2017/2018, em %)



Fonte: IBGE/Pnad continua – Elaboração: Todos pela Educação. 2019.

Na imagem acima, observa-se que no ano de 2018, há uma pequena quantidade de negros matriculados no ensino fundamental, sendo 97,7%, coletados por cor, e pardos com 97,8%. Já no ano de 2017 quando se é coletado por meio da renda, existe uma pequena quantidade de pobres matriculados no ensino Fundamental, no total de 97,3%, sendo que ricos é de 98,2%. Os negros estão em algum lugar, fora da escola.

Por meio deste gráfico é notável onde os negros estão localizados, sendo que a população negra do nosso país é pobre, os que não têm acesso a uma educação de qualidade, estes são matriculados, mas uma boa parte não consegue concluir o ensino fundamental.

IMAGEM – 02: Ensino Fundamental – Jovens de 16 anos que concluíram o Ensino Fundamental – Brasil e Regiões – 2012 - 2018 (Em %)

Região	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Brasil	68,6	71,4	73,4	74,9	74,9	75,9	75,8
Norte	54,0	59,4	62,0	66,8	64,9	68,4	68,1
Nordeste	56,1	60,5	62,7	63,9	65,2	66,2	68,5
Sudeste	79,1	80,0	81,6	83,6	83,1	85,1	81,9
Sul	74,4	79,6	79,8	80,4	79,2	77,2	79,1
Centro-Oeste	75,4	76,4	77,4	76,2	78,2	77,1	80,7

Fonte: IBGE/Pnad Contínua – Elaboração: Todos Pela Educação.

Com base no gráfico acima, é precipitável a presença de jovens de 16 anos que concluíram o Ensino Fundamental em todo o Brasil, comparada com a pesquisa por Matrícula no Ensino Fundamental, a porcentagem de jovens que concluíram o Ensino Fundamental não chega nem perto da quantidade dos que estão matriculados.

Por tanto, é uma pequena quantidade de jovens que não conseguem concluir o Ensino Fundamental. E estes que não conseguem concluir está em incluso os negros e os de baixa renda.

Os negros não conseguem chegar a concluir o ensino fundamental, muito menos chegar à universidade, e assim ter um ensino superior. Mas podemos ver pela foto acima, que uma porcentagem maior de pobres aumentou referente a matrícula, sendo que realizar a matrícula não significa concluir o ensino fundamental, logo porque no decorrer dos anos e a cada dia surge necessidades no qual leva o aluno, até o mesmo os responsáveis em escolher se a criança permanece ou não dentro da escola.

A abertura do governo brasileiro em lidar com a questão racial, mesmo que tímida, foi intensificada por um movimento dentro e fora das universidades públicas, algumas das quais adotaram as cotas raciais como uma modalidade de ação afirmativa. A implementação das cotas raciais varia de uma universidade para a outra, de acordo com sua organização interna: a postura dos conselhos universitários e das diferentes reitorias diante de demandas sociais. Mesmo assim, é possível afirmar que as cotas raciais, como uma modalidade de ação afirmativa, já são uma realidade no ensino superior brasileiro. Até 2005, já são 15 as universidades públicas (federais e estaduais) que adotam políticas de ação afirmativa. A Uerj, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e a Universidade de Brasília (UnB) foram as pioneiras nesse trabalho (CRISTINA LOPES, 2006, p.17).

Perceptível, que os negros foram em busca de seus direitos, com movimentos sociais. Existem as cotas que leva os negros a terem este acesso as Universidades. Atualmente, isso é muito instigante, o qual não deve parar. A autora traz as quinze primeiras Universidades Públicas de ação sobre. A cada dia o espaço do negro vem sendo conquistado, isso porque não deve de maneira alguma, deixar de lutar por seus direitos.

Cristina Lopes (2006) diz que o preconceito surgiu no século XX, quando algumas raças eram dominantes de outras, sendo, o que prevalecia eram os europeus, aqueles que não tinham as crenças e saberás ao contrário dos europeus, eram considerados atrasados, onde inicia os pré-conceitos, principalmente direcionados aos africanos, especificamente, partindo de sua cor de pele. As ações direcionada aos negros não é somente em palavras, mas sim com reações, confere os homicídios ocorridos nos últimos anos.

TABELA– 01: Taxa de homicídios de negros por 100 mil Habitantes

	Taxa de Homicídio por 100 mil habitantes										Variação %		
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2006 a 2016	2015 a 2016
Brasil	32,7	32,4	33,7	34,3	36,5	35,1	36,7	36,7	38,5	37,7	40,2	23,1%	6,9%
Acre	21,0	18,6	13,8	19,6	18,0	17,7	31,6	33,8	31,6	30,5	46,9	123,9%	53,7%
Alagoas	53,9	59,4	69,7	68,0	80,6	87,5	80,8	81,3	82,1	68,2	69,7	29,4%	2,2%
Amapá	39,2	31,1	36,2	33,6	41,3	32,7	36,4	32,0	41,2	44,8	59,4	51,5%	32,6%
Amazonas	22,5	24,9	28,8	30,1	38,5	41,4	41,9	35,9	37,4	43,7	43,0	91,3%	-1,6%
Bahia	25,6	28,3	36,0	42,1	48,0	41,2	45,1	42,8	45,1	45,0	52,4	104,4%	16,5%
Ceará	18,0	24,9	24,6	23,2	30,3	29,1	32,4	36,3	40,6	35,8	38,9	116,2%	8,7%
Distrito Federal	41,1	42,2	48,5	50,7	47,1	51,9	52,8	48,5	43,3	35,3	34,5	-16,2%	-2,4%
Espírito Santo	55,6	59,9	61,6	64,2	64,8	55,6	59,1	56,4	56,7	51,3	42,3	-23,8%	-17,5%
Goiás	33,6	30,1	37,7	40,2	45,0	48,6	55,9	58,8	55,8	56,7	55,5	65,1%	-2,2%
Maranhão	17,6	20,9	23,2	24,6	26,7	26,8	29,4	35,1	39,4	38,4	37,9	11,49%	-1,4%
Mato Grosso	35,9	34,2	39,3	40,9	39,5	38,6	41,3	40,9	48,8	42,9	42,3	17,7%	-1,5%

FONTE: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerencia de Estudos e Análise da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE- Sistema de Informações sobre

Mortalidade – SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09. Considerou-se jovens indivíduos entre 15 e 29 anos

De acordo com a imagem acima, é destacado que no Brasil e Maranhão a cada ano que se passa a quantidade de negros é aumentada referente aos homicídios, entre 2006 a 2016 aumentou em torno de 23,1%, sendo uma das principais facetas da desigualdade racial no Brasil. Os negros, especialmente os homens jovens negros, são os mais afetados, a desigualdade racial no Brasil.

Essa quantidade de porcentagem significa um absurdo para uma sociedade que prega que somos iguais e que temos direito de ir e vim para onde quisermos, sendo que uma pessoa negra não pode ser vista a só que já discriminada ou à até mesmo morta, como é visto pela tabela.

Referente ao Maranhão, a cada ano é notório o aumento de homicídios de pessoas negras, no que leva a está com o nível de porcentagem quase que chegando até os outros, no que tem grandes aumentos de homicídios e ao mesmo tempo é preocupante. De 2015 a 2016 houve uma diminuição de 1,4%, sendo que isso não é nada perante ao aumento.

A cada ano que se passa a quantidade de homicídios de pessoas negras só aumenta. Para que se possa reduzir a violência no país, é necessário que estes dados sejam levados a uma profunda reflexão a uma consideração, assim levando a garantir o direito à vida e a segurança da população negra no Brasil.

Com base nesses dados é importante falar sobre o negro em nosso país, pois ele foi e ainda está sendo sempre discriminado. Há uma desclassificação sobre o negro, que sempre foi tratado como nada, isso é claro no Livro de Gilberto Freyre, Casa-Grande & Senzala⁶ neste livro podemos ver como o negro era tratado, sendo que na sociedade atual levam a homicídios.

É de grande importância dizer que traços africanos permanecem, não somente esses traços, mas entre outros, o negro faz parte e é Brasileiro, a necessidade de falar e se discutir sobre a construção do negro no país assim tendo um grande impacto na vida da sociedade, as pessoas precisam ter este

⁶ O qual retrata a grande e verdadeira história sobre a desigualdade racial no Brasil, quando os portugueses chegam no país e encontram os índios, e eles não se submetem aos portugueses, assim abandonando suas conquistas em busca de um novo local para viver, no que leva a chegada dos negros no Brasil tragos por portugueses, sendo-os usados como escravos.

conhecimento, o respeito pelo outro, o amor já que é tanto falado, amor para com o teu próximo.

Dá-se, uma importância para a Lei 10.963/2003 como uma representação diferente da população, no que auxiliará professores e alunos sobre uma sociedade igualitária, (CARNEIRO 2011, p.18), “neste momento, podemos afirmar que vivemos em um país apartado racialmente”. Carneiro (2011, p.19), ainda em seu livro, diz que Fernando Henrique Cardoso, foi o primeiro presidente da história Brasileira, no qual declara que o problema racial no Brasil deve ser enfrentado com audácia política.

A disciplina de História possui subsídios que auxiliam o aluno compreender as diversidades que nos cercam, e a escola, por meio da organização, faz parte da construção da identidade do aluno. Nesse sentido é possível perceber que o ensino de história e a história ensinada no cotidiano escolar, encontram-se no lócus privilegiado na produção de identidades e entendimento sobre o seu local social. De acordo com Monteiro (2011) “O fundamental é levar o aluno a compreender e apreender determinado conteúdo, que fazem parte da História e são (re)contextualizados na cultura escolar, materializando as correlações de força presentes no espaço do ensino” (MONTEIRO, 2011, p.116).

Entende-se que o Ensino de História é de extrema importância para construção de identidade dos educandos, somente por meio deste que será apresentada a diversidade que o cerca como também a cultura do seu meio social, assim podendo conhecer outras culturas que não faz parte de seu cotidiano, tendo diversos conhecimentos. O aluno precisa conhecer um pouco de cada coisa.

De acordo com a LDB, no Artigo 12 do parágrafo V e VI diz que todas as escolas independentemente sendo ela pública ou privada, terá a tarefa de: elaborar e executar sua proposta pedagógica; e articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. Sendo assim ver-se uma grande responsabilidade para com os alunos e comunidade.

Por meio de meu estagio, em algumas escolas pode observar que há uma grande preocupação em alfabetizar as crianças, sendo que estas crianças podem ser alfabetizadas de acordo com sua própria realidade que é sua própria cultura, como já foi destacado neste artigo Codó é uma cidade que tem suas raízes. Isso me leva a entender que é de extrema importância parti da realidade do aluno, para que posso conhecer de si mesmo como também saber respeitar o outro como ele é. É notório a falta de se enfatizar a cultura racial dentro da escola para com os alunos como deveria.

Podemos dizer que esta é destacada somente em 20 de novembro, assim partindo da ação dos alunos para com seus pares, mais adiante veremos sobre como é retratado sobre.

3. ALÉM DA ESCOLA

3.1 Campo escola

Para a escolha das escolas utilizamos em optar aproveitar o Estágio Obrigatório do Curso de Licenciatura em Pedagogia, e do programa Residência Pedagógica pela já existência de uma aproximação entre ambos, e pelo fato de serem bairros mais periféricos da cidade, onde é bem perceptível as pessoas negras e de baixa renda.

A pesquisa de campo, em que consistiu na realização de visitas *in lócus*, no período de 22/08/19 a 20/11/19, à duas escolas da rede municipal de Codó/MA, no qual ficam localizadas uma no bairro São Francisco e a segunda no Codó-Novo, que por escolha serão aqui chamadas de *Lírio*⁷ e *Estrelícia*⁸ com o intuito de preservar o anonimato. As visitas as escolas coube também, realizar pequenas observações nas relações estabelecidas por alunos, professores e funcionário no âmbito da sala de aula e durante a realização do intervalo, para que assim floresça a possibilidade das entrevistas e rodas de conversa com professores e educandos, afim de conhecer mais a fundo sobre o convívio escolar.

A escola *Lírio* se localiza no bairro Codó Novo, uma escola extremamente grande, prédio em boas estruturas, um pátio sombrio e amplo para que as crianças possam brincar, 3 banheiros (2 para alunos 1 para funcionários), 1 cantina, 8 salas de aulas, mas que funciona atualmente somente com 5 salas de aulas, tendo 8 professoras, 2 zeladoras, 2 porteiros, 1 diretora, 1 secretária e 1 assistente para auxiliar dentro da escola. O funcionamento educacional acontece pela manhã e tarde com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na parte da noite funciona com o EJA⁹.

Já a escola *Estrelícia* se localiza no bairro São Francisco, uma escola um pouco menor que *Lírio*, mas que o tamanho está acessível para os alunos, tendo 2 corredores grandes que dá liberdade dos alunos estarem brincando, 6 salas de aula, 1 direção, 2 banheiros (feminino / masculino), 1 cantina, 1 pátio livre para os alunos.

⁷ O lírio é a flor real representada na imagem da flor de lis, símbolo da geração, de prosperidade, e da raça. Disponível: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lirio>.

⁸ É uma planta herbácea, originária da África do Sul, com aproximadamente 1,20 m de altura. Disponível: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/estrelicia>.

⁹ Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Tendo também, 6 professoras, 1 coordenador, 2 merendeiras, 1 porteiro, 1 secretaria, para melhor acolhimento desses alunos. A instituição funciona também com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental na manhã e tarde, a noite com o EJAI. É importante ressaltar que cada turma pesquisada contém entre 23 a 24 alunos.

A fim de conhecer melhor, como ocorre o convívio do ensino e aprendizagem dos alunos negros dentro do ambiente escolar, foi de extrema importância realizar uma *Pesquisa Descritiva Diagnóstica*, que se consiste em um levantamento de dados e informações que se caracteriza pela interrogação direta para com as pessoas cujo comportamento deseja se conhecer (GARCES, 2010), chegamos as análises dos dados obtidos na pesquisa de campo.

3.2 Um pouco sobre os pesquisados

O público desta pesquisa, foram alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, sendo 2 turmas de cada escola. As crianças são de 11 a 14 anos de idade, sendo que uma boa parte destes alunos são negros e bem pobres, no que é perceptível. Nenhuma destas crianças diz trabalhar, mas ajudam em casa realizando tarefa doméstica. Crianças que mora com o pai, ou só com a mãe, com avô ou até mesmo avó, tia, tio irmãos.

A pesquisa se direciona também aos educadores destas turmas, professoras que aqui é nomeada com nome de mulheres negras e que deixou uma história de luta, Dandara¹⁰, Nina¹¹, Ruth¹² e Ruby,¹³ para assim manter o anonimato. Professoras que já tem grande tempo em sala de aula, todas se consideram negras.

¹⁰ Foi uma guerreira negra no tempo Colonial do Brasil e esposa do Zumbi dos Palmares. Disponível: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/19-mulheres-negras-inspiradoras-que-marcaram-historia-no-brasil-e-no-mundo>.

¹¹ Cantora. Quando jovem foi impedida de ingressar no Instituto de Música Curtis na Filadélfia, apesar de ter cursado piano clássico na severa Juilliard School, em Nova York. Disponível: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/19-mulheres-negras-inspiradoras-que-marcaram-historia-no-brasil-e-no-mundo>.

¹² Primeira mulher dama negra a entrar no Teatro Brasileiro. Disponível: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/19-mulheres-negras-inspiradoras-que-marcaram-historia-no-brasil-e-no-mundo>.

¹³ Primeira criança negra a estudar em uma escola primaria caucasiana na década de 60 nos Estados Unidos. Disponível: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/19-mulheres-negras-inspiradoras-que-marcaram-historia-no-brasil-e-no-mundo>.

TABELA– 02: Informações sobre as professoras dos alunos

NOME	IDADE	TEMPO EM SALA DE AULA	FORMAÇÃO
Dandara	49 anos	21 anos	Letras
Nina	32 anos	14 anos	Cursando Pedagogia
Ruth	42 anos	32 anos	História e cursando Direito
Ruby	49 anos	15 anos	História

Fonte: Autoria própria

Por meio desta tabela pode se ver claramente as informações sobre as educadoras. Dandara e Ruby têm 49 anos, mas com anos diferentes em sala de aula Dandara com 21 anos e Ruby com 15 anos, uma tem a formação em Letras a outra em História e cursando Direito. Já Nina tem 32 anos, Ruth 42 anos, com relação em está em sala de aula Ruth tem mais tempo, uma está cursando Pedagogia à outra tem como formação História. Com base no diálogo e com as informações estas professoras tiveram suas formações há um bom tempo como também uma perto da outra.

A coleta de informações se deu pela construção de um roteiro para guiar de forma sistemática a conversa com alunos e professores, podendo ser feita alterações no decorrer das entrevistas, durante a pesquisa de campo. Destaco que a realização com as crianças foi de modo diferente, realizando-se uma roda de conversa afim de quebra o gelo entre pesquisadora e participantes da pesquisa. A Roda de conversa aconteceu em duas turmas diferentes de cada escola, utilizamos o roteiro de conversa e a gravação dos áudios em formato *.mp3*, e feita a transcrição de todos para análise. Com os professores realizou-se uma entrevista, em que foi gravado áudios, em formato *mp3* com auxílio de celular, os áudios foram transcritos. A entrevista deu-se com quatro professoras, duas de cada escola.

4. DIÁLOGOS ENTRE ALUNOS: SOBRE ESTÁ EM SALA DE AULA

A roda de conversa com as turmas A e B pertencem à escola *Lírio* que é localizada no bairro Codó Novo, no que a pesquisa foi concretizada em 11/11/19 já as turmas C e D pertencem à escola *Estrelícia* que se localiza no bairro São Francisco, que foi realizada em 22/11/19. As respostas foram colocadas de acordo com a mais falada por eles mesmos.

1. *Porque vocês vêm à escola?*

Turma A: - *Para estudar - Para aprender.*

Turma B: - *Porque é bom - Para tentar estudar - Para aprender - Para aprender a ler e escrever;*

Turma C: *Para estudar e aprender.*

Turma D: *Para estudar - Para ser uma coisa na vida;*

Perante a primeira pergunta, é executável que estas crianças vão e gostam de ir à escola para aprender, foi possível ver nos olhos de cada criança que eles têm este desejo de aprender, e o essencial, porque querem ser alguém na vida quando adultos chegarem. Sendo que se torna muito dificultoso, principalmente para uma criança negra que se encontra na periferia da cidade, que está sempre sendo discriminada pela população dominante.

Para essas crianças não será fácil se tornarem quem elas realmente querem ser, mas que é possível, o que sempre ouvi dentro da escola *Lírio*, que os alunos muitas das vezes não chega até a escola por conta de tiroteios que sempre acontece perto de suas casas e próxima à escola, assim os impedindo de chegar até a escola e se dedicar ao estudo.

Segundo Videira Piedade (2007) “o termo étnico é uma nova preocupação da educação brasileira”. Fale ressaltar que existem inúmeras formas de preconceito discriminação e racismo. Leituras como falas do cotidiano mostram alguns

preconceitos contra a população negra, sendo eles: “nego(a), cabelo de bombril, nego da senzala, tição, macaco preto, etc.”

Para Videira Piedade (2007) o conceito étnico é mediado por alguma ideologia de dominação, que inferioriza ou supervaloriza um grupo social em detrimento do outro. Já discriminação étnica é quando desqualifica, socialmente um indivíduo ou grupo social, em ações isoladas. O racismo étnico é quando supervalorizando o branco e desvalorizando o negro. Dentro do ambiente escolar vemos muito isso.

2. Vocês gostam de estudar?

Turma A: Um(a) dizem que sim outros não.

Turma B: *sim.*

Turma C: *Sim, eu gosto.*

Turma D: *Sim.*

De acordo com a segunda pergunta, quando se fala em estudar uma boa parte dos alunos gostam de realizar esta atividade, isso segundo suas falas. Sendo que uma parte dos alunos falou por eles mesmos, já outras crianças tomaram a iniciativa de falar pelo colega, assim dizendo o gosto do outro, que eles não gostam.

Estas crianças dizem que gostam de estudar, mas sendo que de acordo com a fala de suas professoras eles dão muito trabalho para participarem e até mesmo de realizarem tarefas em sala e em casa, sendo que elas dependem de um adulto em casa para ajuda-las, mas sua responsável precisa está no trabalho ou até mesmo aquele que tem alguém disponível não pode ajudar por não saber a ler e escrever.

3. Quem sabe ler e escrever?

Turma A: *sim.* (tem alguns que sabem outros não)

Turma B: *Sim.* (tem alguns alunos que não sabem)

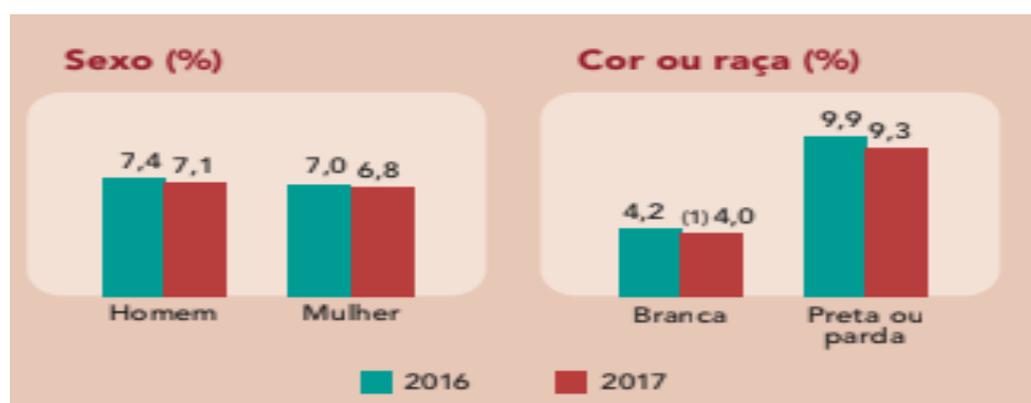
Turma C: *Sim.* **Turma D:** Algumas crianças sim outras não.

Mediante a pergunta acima, uma quantidade considerável das crianças ficou com vergonha de relatar que não sabem ler e escrever, e toma a iniciativa de dizer que sabe. De acordo com minhas observações e conversa com as professoras uma quantidade de crianças que não sabem é em torno de 80%, sendo que apenas 20% sabem ler e escrever.

O saber ler e escrever é de importância para uma criança que encontra no ensino fundamental, pois isso fará com que ela saiba de socializar com o mundo, como também se comunicar, a comunicação acontece também por meio da leitura e escrita. Com relação ao não saber ler e escrever na vida destas crianças é uma grande dificuldade para estes, pois fará estas crianças se permanecer no mesmo lugar futuramente.

De acordo com minhas observações, a secretaria da educação da cidade tanto aceita como também realiza projetos para levar a crianças o aprendizado. Um projeto que foi aceito foi o Residência Pedagógica pela Universidade Federal do Maranhão, e um outro que é o Estágio Renumerado¹⁴. As crianças que não sabem ler e escrever, estas se sentem excluídas das aulas, pelo fato de não quererem participar das aulas, já que não são incentivadas.

IMAGEM – 02: Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais idade.



Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, coordenação de trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017.

¹⁴ Segundo as estagiárias que participaram este é o nome que é dado. Que pelo seu coordenador é estabelecido por Lei.

A foto acima não mostra referente à escola pesquisa, mas sim ao Brasil. Vemos que o negro sempre está em piores lugares nas pesquisas, como esta do analfabetismo. Há sempre uma desclassificação, quando se refere a sexo o homem sempre está à frente assim como o negro. Todo ser humano tem direito a educação.

4. O que vocês querem ser quando crescerem?

Turma A: *Medica; soldado; Veterinária; Polícia; Professora.*

Turma B: *Advogado; Eu quero ser uma professora; Doutora; Policial; Cientista; Engenheiro; Medica; Enfermeiro; Bombeiro;*

Turma C: *Medica; Policial; Doutora; Enfermeira; Veterinário; Professora; Bombeiro; Goleiro; Jogador de bola; Piloto de fórmula um.*

Turma D: *Policial; Dentista; Medica; Delegado; Bombeiro.*

Esta é uma pergunta que todas as crianças ouvem sempre, no qual de acordo com seu crescimento vai moderando sua resposta. Entre tanto, posso dizer que nessas escolas há muitas crianças sonhadoras e que suscitam em algo melhor, que precisa de apoio tanto familiar como escolar.

Ser uma criança negra e com sonhos significa uma tristeza enorme no qual elas se encontram economicamente. Sendo que futuramente será difícil. O acesso ao emprego e ao trabalho é primordial a vida humana, mas para uma pessoa negra isso não é possível.

Em um contexto marcado por taxas de desemprego e pelo desemprego estrutural, são exigidos altos níveis de escolarização da mão de obra desempregados que presta os trabalhos mais banais, o que afasta cada vez mais os negros do mercado de trabalho, posto que eles reconhecidamente compõem o segmento social que experimenta as maiores desigualdades educacionais (SUELI CARNEIRO, 2011, p. 113).

Estas crianças fazem parte da periferia e suas famílias não podem economicamente oferecer um estudo melhor, entre tanto as empresas exigem grandes níveis de escolarização, sendo isso uma barreira para a população negra

ingressar no mercado de trabalho, assim levando às desigualdades tanto educacionais como trabalhadora.

Para que estas crianças possam chegar aos seus sonhos não será fácil, logo porque existe muitas dificuldades na educação. O ensino que é oferecido não é de boa qualidade, uma boa parte dos pais não ajudam os seus filhos, professores que não se importa com seu aluno, e o aluno negro que por boa parte é excluído por colegas e professores. Não será fácil realizar seus sonhos, mas tudo isso não é impossível de se alcançar, estas crianças podem ser o que quiser, basta o querer.

5. Vocês estudam casa?

Turma A: *Sim outros não.*

Turma B: *Sim; Às vezes.*

Turma C: *Sim. (A maior parte não)*

Turma D: *Sim. Não.*

Aqui podemos ver que uma boa parte das crianças não tem o acesso ao estudo em casa ou até mesmo à um reforço escolar, perceptível que cada família tem sua própria estrutura e realidade. De acordo com a conversar e observação os alunos não tem como estudar em casa, no que nos leva a entender que suas famílias, não param em casa, como também outro fator é que não sabem ler e nem escrever.

Desde a educação infantil é importante o acompanhamento da família, referente à escola. Porque uma criança que não tem apoio familiar, esta pode se sentir só no mundo, assim deixando de querer estudar, por não ter ninguém que o incentive nos estudos. Sendo que a criança que tem acompanhamento da família tem-se um rendimento melhor na escola, como também sente um gosto em ir estudar.

6. Vocês se acham bonitos?

Turma A: *Sim. Um disse que se acha feio.*

Turma B: *Sim; Linda e maravilhosa; Não.*

Turma C: *Eu me acho; sim*

Turma D: *Sim.*

A auto aceitação sobre nós mesmos, de nos acharmos bonitos, isso sim é eficiente para o nossa crescimento, para a nossa autoestima, alguns destes alunos já tinham uma resposta na ponta da língua referente a esta pergunta, “*lógico tia*”, “*linda e maravilhosa*”, só que uma criança entre todas disse que não se achava bonita, creio eu que seja por conta de sua cor, consegui ver isso no fundo dos olhos dela mesma.

Logo a mídia influencia muita na vida de uma criança que está em fase de desenvolvimento, na televisão o que mais se vê são pessoas brancas sendo representadas, é com pessoas brancas que a moda combina, somente pessoas brancas é usada como referência.

A partir desta pergunta, as crianças negras começaram a deixar de participar, foi notável que elas não se sentiram bem com esta pergunta.

É importante também discutir com as crianças que podemos e temos a liberdade de sermos quem somos. Não importa o que os outros falem, devemos ser nos mesmos.

7. O que é uma pessoa bonita para vocês?

Turma A: *Educada, inteligente, trabalhadora, gentil, andar cheirosa; Branca; Olho bonito.*

Turma B: *Tem que ser bem banhada; Andar bem arrumada; Cabelo arrumado e com brinco; Passar perfume; Tem que ter a pele bem limpinha;*

Turma C: *Amigável; Amorosa; Carinhosa.*

Turma D: *Inteligente; Educada;*

Como já foi falado acima, a mídia toma de conta do que é belo. As crianças só irá reproduzir o que está ao seu redor, se o que é colocado na sociedade que o belo é uma pessoa que tenha as seguintes características é bem comum elas aceitem que uma pessoa bonita é: “uma pessoa de pele clara, de olhos claros, cabelos louros e lisos” Como é afirmado Araújo e Bernardes (2012) a beleza está no perfil Europeu.

8. Qual a cor da pele de vocês?

Turma A: *Preta, Pardo, Branca, Café com leite, Morena e Misturada.*

Turma B: *Morena; Pardo. (Nesta turma tinha várias crianças negras, mas não se declararam negras).*

Turma C: *O meu é negro; Pardo; Eu sou branco; Morena; chocolate.*

Turma D: *Branca; Parda; Morena; marrom.*

Poucas crianças se declaram negras, já outras dizem ser brancas ou pardas como também café com leite e chocolate. Algumas não se declaram negras, acredito que não gostam de sua cor de pele ao até mesmo fizeram a não gostar, não tem amor por se próprio, não por não se gostar mais sim por dizerem ou por já está na sociedade que o negro é feio.

Ao elogiarmos nossos alunos, devemos ter o cuidado, até mesmo nos pequenos gestos de carinho e afeto para não prejudicarmos a autoestima de quem não é provedor das características citadas no elogio. Tentar desconstruir o ideal de beleza que nos foi por tantos anos impostos, através da mídia e da sociedade em geral de que belo são somente aqueles que possuem características da “beleza europeia¹⁴”, e tudo o mais que foge a essas características não tem beleza nem valor (ARAÚJO e BERNARDES, 2012, p. 532).

As autoras dizem que a sociedade coloca um perfil de beleza, que é nada menos por meio das mídias, o belo é um tipo Europeu sendo de pele clara, olhos claros e de cabelos lisos. Ainda pata as autoras: “A sociedade brasileira “apenas” reproduz o modelo de beleza “ideal” branca que está estampada nas revistas, novelas, no cinema e em todos os meios predominantes de comunicação” (ARAÚJO e BERNARDES, 2012, P. 534).

As crianças também têm acesso as mídias, sendo que elas só irão reproduzir o mesmo, assim levando o negro não se aceitar como também aceitar que o belo precisa ser branco, de olhos claros, cabelos lisos.

9. Vocês sabem o que é preconceito ou racismo?

Turma A: *Sim; xingar o outro de negro; apelidar o outro;*

Turma B: *É quando a pessoa chama os outros de negro; chamar de preto negro.*

Turma C: *Sim, eu sei; É tipo uma pessoa ficar falando mal de uma pessoa, que ela é preto. (uma criança levanta a mão e diz: né só porque você é branco é melhor que o outro)*

Turma D: *Não.*

Algumas dessas crianças sabem o que é racismo e preconceito, mas entre elas o bullying está presente como podemos ver nas respostas delas. Algumas dessas crianças sofrem preconceito no ambiente escolar, tanto pela cor de pele como pela cultura, duas crianças relataram que já sofreu, não por sua cor, mas por parte religião que praticam como veremos mais à frente.

Para esses alunos o que é mais presente é os diversos apelidos, Como é afirmado por Maggie (2006), um “aluno deu exemplo em sala de aula, o qual tem o nome Emerson, o qual eles chamam carinhosamente de “Negão”, os alunos dizem que chamam ele assim como amigo”, estes alunos não veem isso como um ato de preconceito e sim como brincadeiras, formas de tratamentos cordiais, amistosas. Para eles não é nada como uma forma de carinho. É preciso de cuidado referente a isso, pois quem recebe os nomes muitas das vezes não gosto, isso não é nada bom.

10. Vocês sofrem preconceito pela cor de vocês ou cultura?

Turma A: *Sim.*

Turma B: *Já sim.*

Turma C: *Eu não; Já sofri professora;*

Turma D: *Sim, professora.*

Sim, os alunos já sofreram preconceito tanto pela cor como pela cultura como veremos na segunda pergunta. Dentro do ambiente escolar isso é bem frente, os alunos fazem uma grande confusão sobre isso, muitos ficam calados outros já têm atitude referente a isso, já tem o conhecimento que é preconceito e intolerância religiosa, uma boa parte destes alunos que se encontram nas escolas de já são bem espertos e sabidos de conhecimentos.

Segundo Araújo e Bernardes (2012, p. 535) “Devemos então promover uma educação onde ocorra o entendimento das diversidades étnicas, pois, somente a partir desse entendimento é que surgirão possibilidades para uma real formação de sujeitos menos preconceituosos”. A valorização de diversas culturas é fundamental.

11. Como são estes preconceitos?

Turma A: *Xingar o outro de negro; apelidar o outro.*

Turma B: *Eu sofri agora a pouco porque ele me chamou de negro; Eu não.*

Turma C: *Uma criança levanta e diz: tia deixa eu só falar, e que um disse aqui, só porque eu estava conversando com o Caio, a minha religião é Umbandista, ele disse que é coisa do diabo, aí a tia foi e explicou pra ele que ela não sabe se é do Diabo ou de Deus, mas que temos que ter respeito pela a outra pessoa.*

Turma D: *Dizem que sou de diabo porque sou umbandista; Por causa do meu nariz; Cabelo de luar.*

Segundo Santos Joel (2016) “ser negro é ter a pele escura, ser pobre, ser considerado inferior moral e/ou intelectualmente descender de escravos”, ser negro não é fácil. Por uma criança ser negra já é discriminada, e ainda ser pobre é mais discriminado na escola, por não poder está ao nível de outras colegas, aparte

disso os preconceitos ocorrem em sala de aula, e ocorre principalmente quando uma criança é negra de tem sua cultura diferente da outra, como é visto nas respostas coletadas.

12. Vocês se concentram na aula da professora?

Turma A: *Sim e não.*

Turma B: *Sim.*

Turma C: *Sim.*

Turma D: *Sim.*

Com base nas aulas observadas, às crianças estarem em sala de aula, sentadas e comportadas não significa estarem com toda sua atenção na aula ministrada pela educadora, não se sabe o que elas estão pensando. Pode ocorrer de estar pensando como foi horrível o que o colega de classe falou a ela. Em algumas ocasiões a professora questionava o aluno o que estava sendo discutido em sala de aula naquele momento, e ele não sabia o que dizer.

Para que uma criança esteja 90% com a atenção em sala de aula vai depender de todo um contexto. Muitas crianças vão à escola por ponta do lanche, uma pessoa com fome não consegue se concentrar. Depende de como anda o convívio familiar. E se tem o apoio em sala de aula por parte do educador e restante funcionário. Para que o ensino e aprendizagem aconteçam à criança precisa estar bem.

Nesse cotidiano escolar, são muitos os profissionais que não percebem os conflitos raciais entre alunos e, também, não compreendem em quais momentos ocorrem atitudes e práticas discriminatórias e preconceituosas que impedem a realização de uma educação democrática (VIDEIRA PIEDADE, 2007, p. 99)

É preciso uma atenção para com as crianças quando elas fazem denúncia do que tem ocorrido com elas não ambiente escolar. As crianças negras também precisam e tem direito a tão educação democrática para todos.

13. Quando vocês sofrem preconceito na escola, algum professor fala alguma coisa?

Turma A: *Fala sim. Às vezes. Não.*

Turma B: *Chama a mãe.*

Turma C: *Sim; Não; Falou; Só pra nós respeitar a religião do outro.*

Turma D: *Não. (uma criança disse que quando vão falar a professora disse que nem quer saber de fuxico).*

Os alunos relatam que ninguém os defende que os professores não dão tanta atenção para o que acontece na escola. É importante o educador discutir em sala de aula com os alunos sobre a questão do negro como também o respeito para com qualquer outra pessoa. Para Santo Joel (2016) falar do negro em sala de aula tem como objetivo expor, deixar transparentes aspectos e alternativas recalcados da civilização brasileira.

4. 1 Discriminação: O que dizem os Professores

Na intenção de conhecer a percepção das educadoras em relação ao negro, a sua discriminação no cotidiano escolar, foram direcionadas algumas perguntas sobre sua prática e o ambiente escolar. Logo porque uma parte de discriminação acontece por parte dos professores.

“As pesquisas acadêmicas apontam os profissionais da educação como agentes reprodutores do racismo, preconceito e discriminação étnica no espaço escolar” (VIDEIRA PIEDADE, 2007, p.98). Assim quando os educadores não dão atenção quando as crianças levam até eles que estão sofrendo preconceito, muitas vezes não dar ouvido por não sabendo se posicionar diante de acontecimentos.

A situação menos denunciada, e que muitas crianças encaram como normal, sendo poucas as que a percebem como racista, diz respeito aos comentários sobre fatos que envolvem pessoas negras. A narração ou análise dos fatos, sob uma ótica distorcida de uma

percepção racista, quando realizada por professores, além de atingir a criança, colocam-na numa posição “ridícula”, perante as outras crianças. A denúncia típica da criança atingida é a seguinte: “A professora não gosta de preto, porque ela falou isso e aquilo”. (VIDEIRA PIEDADE, 2007, p. 99)

É preciso ter um vocabulário para um diálogo em sala de aula, que por sua vez o educador pode ou não ser preconceituoso, mas, pelo fato de não saber dialogar torna-se para a criança uma pessoa que não gosta de negro(a) e é um preconceituoso.

1.O que você entende sobre a Lei 10.639/2003?

Dandara: *Eu ainda não li mesmo a lei, só vejo falar pela televisão, escuto muito falar sobre a lei, e eu acho que, tem momento que eu acho que é necessário, porque a raça negra é muito discriminada, muito discriminada. E depois da lei as pessoas negras tiveram mais oportunidades, o curso superior ficou mais acessível ao negro, e também, eu não sei se foi depois da lei que foi estabelecido que o racismo passasse a ser crime, não sei se foi depois da lei ou se já era antes. Isso aí também foi bom né, o negro sofre demais, desde que me entendia por gente.*

Nina: *Eu não concordo, isso não é praticado. Nunca é falado da realidade das crianças, como também no livro é contada uma história fantasia, fugindo da nossa região, como também a luta do negro, por exemplo, o Zumbir é bem falado, mas não é falada de Dandara, uma mulher que também lutou por direitos.*

Ruth : *Não tenho muito conhecimento da lei ao pé da letra, mas é, uma lei que trata da inclusão do ensino da história africana e o currículo escolar, certo. Assim também, a questão do ensino indígena, na temática da cultura dele, a nossa formação ela é pura e racial, então se viu a necessidade de tá incluindo dada a formação do povo brasileiro, o ensino da história da África em se, no currículo escolar em geral.*

Ruby: *Não estou por dentro não.*

Esta lei é obrigatoriedade de ser discutida em sala de aula e pela sociedade, é preciso ter o conhecimento. De acordo com a observação as professoras não sabem e nem falam desta lei em sala de aula, o conhecimento para com lei é pouquíssimo. O professor precisa ter um compromisso com a educação de seus alunos terem amor como diz Paulo Freire.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (FREIRE, 2003, p.15).

O educador precisa ter amor para assim compreender como também respeitar seu aluno, assim levando esta Lei 10.639/03 para os bancos escolares. Pode-se dizer que a uma boa parte da população já ouvi falar sobre a mesma, mas ainda não é conhecida e nem valorizada como deveria ser.

Souza Maria (2009), outros estudos enfatizam o despreparo dos professores, e demais profissionais da educação, para trabalhar, do ponto de vista pedagógico, com situações de racismo declarado que ocorrem frequentemente no cotidiano escolar. Tem que haver uma formação para que o trabalho aconteça.

2. Você acredita que a trajetória do negro é estudada em nossa sociedade?

Dandara: *É estudada né, mas, certo tempo isso aí... A sociedade focou mais né, os representantes criaram leis e focaram mais nesse sentido de estudar a questão do negro. Antes não tinha essa preocupação.*

Nina: *Não. Só enfatizando agora nesse período.*

Ruth: *Em baixa escala. É estudada, mas só por aqueles que têm assim o interesse de mudar a realidade tanto social, quanto educacional e comportamental, não do negro em si, mas das pessoas para com o negro. Então, esses estudos são voltados, justamente pra isso, para que as pessoas se conscientizem da igualdade não só direitos da Lei, mas sim do espaço que é de todos,*

que hoje o negro, ele é privado de muita coisa, por sua cor de pele, de sua origem.

Ruby: *Com certeza.*

Evidencia-se que a trajetória do negro do modo geral é falada no ambiente escolar como na sociedade, mas não estudada como de fato deveria ser, por meio das observações em sala de aula esse fato é perceptível. Por tanto é preciso levar esse conhecimento aos alunos.

No âmbito escolar, exige-se que o professor investigue a situação do negro em sala de aula e a partir disso, comece a instigar os grandes nomes de personalidades negras que contribuíram e que fazem parte da nossa sociedade, seja na televisão, no jornal, nas revistas, enfim em tudo que o aluno tiver acesso. Dessa maneira, começa-se a falar da escravidão que ocorreu no Brasil (SOUZA MARCIA, 2013, p.07).

De fato, o professor precisa conhecer a história do negro para assim levar à sala de aula e discutir com os alunos sobre, assim os envolvendo por meio de onde os alunos se encontram, assim partindo dos meios de comunicação onde é falado do negro, assim lendo a verdadeira história.

Exige-se questionar, respeitar, reconhecer, valorizar as relações étnicas raciais e os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade. Devemos criar pedagogias de combate ao racismo e discriminações, assim ajudaremos a criar uma sociedade justa, igual para todos (SOUZA MARCIA, 2013, p.07).

É necessário que a história do negro seja estudada por uma sociedade, a qual busca uma sociedade igual e justa para todos, pois é aparte do estudo que poderá acontecer o respeito e a valorização das relações étnicas raciais.

3. Quais as situações de discriminação e desigualdades presentes na escola?

Dandara: *Se tiver, é entre os alunos, eles têm preconceito um com o outro, os que são mais clarinho tem preconceito com os mais escurinhos. Os alunos a gente ver sempre, eles chamarem os outros de negros, de negro muçum e por aí vai... Outro dia um disse assim, chamou essa aqui de preto hahahahaha... O José a chamou de preto.*

Aí ela disse assim: Tia ele está me chamando de preto. hahahahaha... Mas tu não és preta? Eu sou preta também, tu és preta, não tem que se ofender não. Só que ele falou no sentido de ofender, né, aí eu falei com ele que aquilo ali era racismo, era Bullying, que não deveria fazer aí eu fui falar disso pra eles. E que ela não se ofendesse em ser chamada de preta porque ela é preta. Eles ainda têm isso, de achar que o preto é menos inferior que os outros, eles têm isso na cabeça. Eu conversei com eles. Isso acontece mais entre eles.

Nina: *É uma das que mais vejo na escola, não admito isso aqui. Porque eu mesma já passei por isso, pois hoje já não tenho medo, pois tem a oportunidade de fazer uma denúncia. Mas sempre isso acontece sempre uma piadinha de um negro ou de um gay.*

Ruth : *Começa desde da recepção do aluno, é visível, eu não digo em todas as escolas, estou falando efetivamente na qual eu trabalho atualmente. Mas assim, tem crianças que por pertencerem a uma clientela pobre, não tem uma condição de se vestir bem, elas são vistas, não por todos os funcionários da escola, mas por um ou três pessoas que eu já observei, a questão de ser chamado de nazum, de sujo de imundo, não se ver a questão da realidade social e econômica das crianças, e, principalmente negra que é o índice maior de pobreza entre as pessoas. Então, tudo isso influi, pessoas que tratam bem, aqui temos funcionário que pegam a criança e baniram peças de roupas, lanches, até a aceitação, no que vejo desnecessário, geralmente são pessoas que tem origem negra.*

Ruby: *Eu não vejo não, discriminação.*

Em relação com a discriminação, os professores direcionam seus olhares somente aos alunos. É preciso também partir do educador, ele precisa levar esse conhecimento da valorização.

A primeira quinzena de novembro foi voltada para o trabalho sobre os negros, em razão do dia da consciência negra, havendo, assim, a fragmentação do tema, pois o enfoque foi dado apenas para uma das características fenotípicas de seres humanos e não à etnia (SOUSA e LIMA, 2017, p. 69).

Com base nas autoras, o esclarecimento não parte do educador, muitos falham quando vai falar sobre isso com os alunos. Posso dizer que isso é o que acontece com a realidade da cidade de Codó, o que vemos nos bancos escolares da cidade e que é preocupante, é preciso falar sobre cultura, sobre o modo de vida do próximo.

4. O que você tem feito enquanto educador para a construção de um ambiente escolar igualitário?

Dandara: Converso com eles.

Nina: *Uma das coisas que mais visó é o respeito. Eu sempre falo aqui, quando quero respeito tenho que respeitar.*

Ruth: *Hum... Menina, aqui eu tenho feito até milagre, porque aqui ninguém trata questão de cor, ninguém trata questão racial, aqui acho que você deve ter percebido que todos se respeitam, um é responsável pelo que o outro fala de maneira pejorativa do outro e tem sempre aqueles que tu não controla pouco não, porque em uma sala de aula não tem como tu te decidires de cabeça de natureza controlar tudo. Temo-nos um acordo, os combinados, aqui ninguém é melhor que ninguém, a primeira consciência que tenho que colocar na cabeça deles é isso. E com relação à igualdade é justamente isso, aqui não tem ninguém ser melhor que ninguém, todo mundo tem o direito de estar onde os outros estão e ter a mesma qualidade de tratamento, sem diferença nenhuma, dependente de qualquer coisa, de classe social, raça, credo, o que eu tenho feito é pregar a igualdade, porque nossos recursos são poucos. Tenho mostrado também a realidade de crianças em situação da deles que estão aqui, e é um trabalho de formiguinha, não dá de mudar da noite pro dia.*

Ruby: *Trabalho de conscientização, né, que a gente tá sempre conscientizando as crianças a respeito, porque não importa a cor, não importa a religião, não importa a classe social, todo mundo tem direito.*

Quando se fala em um ambiente igualitário, as professoras prezam em sempre estar conscientizando seus alunos. Isso é de extrema importância para os nossos pequeninos, saber esse assunto está no âmbito escolar. “Mas sabemos que o desempenho do educador em sala de aula está em correlação direta com as questões que ele discutiu na sua formação profissional ou continuada. É preciso enfrentar, sem hipocrisia, a construção de que a escola não é tão eficaz para os negros quanto é para os brancos” (SOUZA MARIA, 2009, p. 34). O professor não basta só falar o que sabe, ele necessita buscar novas informações como também ter alguma formação continuada, está sempre realizando leitura.

5. De que forma o ambiente escolar e o professor pode auxiliar na aceitação da diversidade étnico racial e o respeito na sociedade?

Dandara: *A maneira que a gente tem é de estar conscientizando né, conversando com eles né, que todos nós somos capasses, independentemente de cor, que ninguém é inferior de cada cor, o que faz a pessoa ser inferior é nosso comportamento, o jeito de ser né, é isso que faz você ser inferior aos outros, ser mal comportado, não ter educação, como muitas pessoas aí, que provoca o mal está na sociedade, entendeu.*

Nina: *É como acabei de responder, é o respeito, você precisa respeitar a opinião do outro.*

Ruth: *Primeira coisa, se despedir de rótulos, não rotular, quando falo a questão de não rotular é você pegar e fazer separação de A, B e C, por qualidades, logico que a gente percebe que cada um tem um potencial, sendo uns mais outros menos. Então, o que a escola pode fazer é o que a Lei prega a questão da inserção, da inclusão, da diversidade em conjunto, não dá pra você separar aquele aluno porque ele tem um grau mais elevado de inteligência e conhecimento daquele que tem uma menor, não dá para você fazer isso, porque você estará contribuindo pra que aquele que tá evoluindo evolua mais e aquele que não está não tenha evolução, assim permanecendo no mesmo. Colocar todos em pé de igualdade, o que tenho feito é isso,*

a questão do auxílio de ao outro não importa quem seja. Agora mesmo nós estamos trabalhando a questão de solidariedade, no que estou colocando para eles o entendimento de empatia, é um vocabulário diferente do universo deles, mas eles tem que tomar o conhecimento, não é porque o meu alunado ele não tem determinado de conhecimento que eu vou privar ele, muito pelo contrário eu tenho que oferecer e é o que ele faça por eles e tento fazer com que eles absorvam o máximo possível, é tão tal que eu coloco eles para falar e eles falam, logico que é no limite da contribuição, temos que limitar, até isso o falar o comportamento a gente tem que orientar e é bom lidar com eles dessa forma, eles aprendem.

Ruby: *Tá sempre trabalhando a conscientização.*

A forma mais acessível para os educadores é promover o diálogo a conversa sobre a diversidade e respeito. De acordo com a BNCC:

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais (BRASIL, p.15)

De modo geral de acordo com a pesquisa para com as professoras elas não têm o conhecimento de sobre as propostas pedagógicas, ou se tem o conhecimento não tem o apoio da gestão escolar, como podemos ver em uma fala das professoras, na escola *Estrelícia* é cada professor por se só.

6. Você tem procurado investir na sua formação sobre as questões raciais?

Dandara: *Eu procuro ler, me informar sobre o assunto, agora só que essa lei aí, não tinha pegado, assim pra ler.*

Nina: *Sim. Eu já até fui para São Luís-Ma, com um trabalho, falando sobre estas questões.*

Ruth: *Não. Investimento em se, se for pelo lado de formação, não. Eu poderia alegar que a questão de que o sistema não oferece, mas seria eu está me eximindo da minha parte, porque tem os meios de comunicação que eu posso esta fazendo online, mas uma coisa que eu faço é ler me informar das questões atuais como também não atuais para assim se fazer comparativos e verificar os pontos que evoluíram e os que não. Nós já tivemos alguns cursos que o próprio município e secretaria de educação ofereceram, em alguns encontros tenho participado. Mas eu leio, leio bastante.*

Ruby: *De vez em quando.*

A educação tem um compromisso com a formação e desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física afetiva social, étnica, moral e simbólica, por tanto a escola tem seu papel para com os alunos. “BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação” (BRASIL, 2018). Ainda sobre isso é colocado os seguintes tópicos:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas;
- decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem;
- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.;
- conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
- construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos;

- selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender;
- criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem;
- manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular para os demais educadores, no âmbito das escolas e sistemas de ensino (BRASIL, 2018, p. 16 - 17).

Estas ações precisam ser realizadas igualmente de acordo com a educação a qual é direcionada, como é escrito na BNCC, (Educação Especial, educação de jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação escolar de Indígena, Educação Quilombola, Educação a Distância).

Por tanto, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar os currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. É com base nisso que entra a Lei 10.639/2003, educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira. Esta deve ser estudada como é estabelecido pela LDB.

7. A linguagem usada no cotidiano escolar tem o poder de influenciar no racismo e discriminação?

Dandara: *Há, tem sim. Tem o poder de influenciar negativamente e também positivamente, porque se você fala palavra que ofendo, com certeza aquela pessoa vai ficar um pouco deprimida, né. E se você fala uma palavra positiva, com certeza a pessoa vai se sentir bem, entendeu.*

Nina: *Sim. Porque quando você não dá nome, inclusive com os apelidos, o outro pode não aceitar, tem que perguntar, isso deixa o outro com a autoestima baixa.*

Ruth: *Muito. Foi justamente que eu falei no início, a questão de você rotular quando você chega, porque assim alguns tem imagem do*

professor, é aquela figura superior que ele não pode descer no patamar do aluno e pra eles conseguir alcançar o aluno, ele tem que descer até onde o aluno tá, sempre procurar se aproximar do aluno pra saber a realidade dele, o aluno as vezes ele tem o vocabulário não poque ele queira, mas o meio ao qual ele está inserido, familiar da comunidade, e não dá para você tira uma coisa que está enraizada, de uma hora para a outra, influencia bastante de maneira positiva e negativa. Primeira coisa que o professor deve tomar cuidado é com a linguagem que ele vai se dirigir ao aluno, tratar o aluno, ensinar o aluno, tem que ter a linguagem que ele compreenda e se ele quer mudar a realidade ele não pode querer arrancar algo... é a mesma coisa de você arrancar um pé de planta de um solo propicio e colocar ele em outro que não irá prospera. Isso é frustrante.

Ruby: *Com certeza.*

Todas as professoras concordam que o vocabulário pode sim influenciar como racismo e discriminação, o educador tem que procurar a melhor forma de falar com seus alunos, o mesmo torna-se um espelho para as crianças, se o educador falar gritando com certeza seu aluno fara o mesmo. Segundo Julio Aquino, (1998, p.52) “o professor consiga tomar decisões adequadas, saiba justifica-las e dê conta de todas as variáveis que se entrelaçam nas situações cotidianas de ensino-aprendizagem”. Professore precisar ter esse jogo de cintura.

8. Quanto ao trabalho escolar, quando, onde e por quem é falado sobre as questões racial?

Dandara: *Merma, aqui ainda nunca foi feito nenhum trabalho, que eu me lembre não. Nunca foi feito sobre a questão racial.*

Nina: *Outra pessoa negra fala muito sobre esta questão com o outro.*

Ruth: *Quer que eu responda mesmo? Minha amiga, hahahahaha... aqui minha filha cada um é por se e Deus por todos, se nós professores... aqui na escola, em questão de gestão, nós temos um*

gestor que é bem bonitinho no papel porem muito deficiente na pratica, agora mesmo nós temos um supervisor que ele é bem dinâmico, ele nos chamou pra falar justamente a questão do que estamos fazendo na sala, organizando à apresentação, isso ai ele procurou fazer agora, porém não é uma pratica corriqueira, não é uma pratica que se senta para conversar sobre, eu posso ser hipócrita, há... o professor na sala de aula ele faz, porque é uma obrigatoriedade nossa.

Quando e onde? É o professor na sala de aula. E também outra coisa importante, não ultrapassa os portões da escola e até mesmo das salas, não é abrangente, porque nosso plano da escola PDE, ele é voltado não só para o ambiente interno e sim para a comunidade , nós não trabalhamos, não só eu como professora que devo mobilizar sozinha a escola, até dou a ideia, mas a contra partida é da gestão.

Ruby: *A gente... no decorrer... sempre vai surgindo no decorrer das aulas, as vezes durante a aula a agente tá falando. No próprio livro, mesmo que não esteja falando, aí a gente traz para a realidade, nos projetos da escola.*

Podemos ver que não há projetos e nenhum tipo de trabalho para com os alunos, mas, vemos que é por meio dos educadores que as crianças podem saber sobre este tema, sendo que vai de cada esforço e dedicação do professor. Mas se a gestão não cobra e nem apoia, nem se quer dá ideias fica bem complicado. Como já foi relatado neste trabalho sobre o que BNCC coloca como de importâncias e que devem ser obedecidas de acordo com a realidade.

9. Muitos livros já foram publicados referente a este tema, a escola o disponibiliza na biblioteca para alunos e educadores?

Dandara: *Até que a biblioteca é disponibilizada, né, é agente utiliza sempre, trazendo os livros para cá, para eles trabalhar com o texto.*

Nina: *Sim. Aqui tem, mas geralmente trago da Universidade, eu leio primeiro aí depois eu trago para a sala de aula.*

Ruth: *Não. Nós nem temos biblioteca, o que nós temos paradidático, que nós professoras procuramos comprar para dispor para os alunos. Veio um acervo de paradidáticos que tinha, totalmente voltado pra isso, para as questões Africanas, no qual foram criando rumo. Não temos livros sobre este tema na escola.*

Ruby: *Menina, de ter livro tem, mas ainda não foi montado a biblioteca, aí as vezes a gente trabalha em sala de aula.*

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), é um órgão responsável por ações da Educação básica Brasileira da rede pública. Já o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que é ações direcionadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa.¹⁵

De acordo com o decreto N° 9.099 de julho de 2017, Art. 1° O PNLD será destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, sendo estas às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público.

Por tanto as escolas recebem todo ano estes matérias educativos que preza a leitura, e fará o aluno a está ciente das informações. De acordo com minha observação dentro das escolas estes livros existem, mas, não são usados e muito menos vistos por alunos e professores.

10. Quando você pronuncia as questões étnicos raciais e indígenas?

Dandara: *Às vezes só quando surge uma questão, assim de racismo, entre eles, eu ainda não trouxe esse assunto para trabalhar com eles*

¹⁵ Disponível: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro?view=default>. Acessado: 23/03/2020

fora desse momento assim que surge essas questões de racismo entre eles. Só que isso de vez em quando a gente escuta, aí tem que falar.

Nina: *Eu sempre trago exemplos, relacionado a realidade deles, eu tenho que relacionar.*

Ruth: *Direto. Quando você observa que uma parte dos alunos... a criança não nasce preconceituosa ela se torna, eu não vou dizer que é só em casa, as vezes no próprio meio externo que ela frequenta, igreja escola... então, se cada um pegar e fizer seu trabalho de formiguinha com o tempo a gente não vai ver mais a questão do olhar discriminador do outro, independente de quem quer que seja até mesmo com relação a classe social. O índio ele nem é tão discriminado como o negro, isso aí é uma curiosidade que eu tenho, ainda vou estudar. Por que? É discriminado? Discriminado é! Assim, como mulher é, como os homossexuais são, mas assim, se você for colocar só a questão de Etnia, o negro é mais discriminado. E se fizer a mistura de índio com o negro, aí dana. Nós vivemos em um mundo abençoado.*

Ruby: *Já sim, praticamente quando tá surgindo determinado assunto a gente tá sempre falando, não só na data que é dia vinte.*

Uma boa parte dos professores utiliza do tema quando surge uma questão de discriminação em sala de aula, já Ruth sempre fala isso com seus alunos, no que é bem visto o respeito dos alunos um com o outro, é necessário isso, como ela mesma diz que uma criança não nasce preconceituosa mas sim se torna, é importante que cada um faça seu trabalho para algo melhor na vida dessas crianças.

11. A escola procura promover estereótipos que inferiorizam estes povos?

Dandara: *Até agora não.*

Nina: *Não vejo não. Aqui tem muito é palestra sobre a saúde, e nunca entre eles tem um negro, sempre pessoas brancas.*

Ruth: *Não. A escola não, ela não contribui para acabar, mas também ela não incentiva.*

Ruby: *Procura.*

Até o momento, as duas escolas as quais foram visitadas na cidade de Codó, não realiza nenhuma atividade que parte a escola para com alunos e professores. Por tanto, a única atividade é um falatório de conscientização por parte dos educadores para os alunos, quando assim surge a oportunidade de ser falado ou discutido, nada de um trabalho mais pedagógico.

12. Você como educador ver que os preconceitos presentes no ambiente escolar afetam o ensino e aprendizagem?

Dandara: *Afeta. Afeta porque as vezes cria aquela angustia, em quem escuta, quem sofre o preconceito, escutar aquela palavra negativa, e aquilo ali só dendê de a prejudicar o rendimento daquela pessoa, se a pessoa não está bem né, não tem como render né, a gente fica angustiada. Mesmo criança, pode surge um início de depressão, e ele mesmo se sente inferior, porque o outro está dizendo: há, tu é negro, tu é isso, tu é aquilo, teu cabelo é de Bombril, eu já escutei aqui, ai aquilo faz com que o outro fique deprimido, e ai quem está deprimido não tem rendimento.*

Nina: *Sim. Mas quando percebo que está aqui perto de mim, eu já chamo para conversar. Prezo pelo respeito.*

Ruth: *Afeta muito. A começar a questão do tempo, e quando você presencia essa situação de outros tamanhos, negra do cabelo duro, pé cinzento, outra coisa que já presenciei... “olha pro outro e chama de nojento” e você percebe que o nojento não é porque a pessoa tá fazendo algum ato anti-higiênico, ai você ver no olhar de criança, que*

infelizmente tem isso. Ai a gente tem que fazer aquela famosa sessão de moral com relação a igualdade, vamos supor: “todo mundo não tem pele, ninguém tem pele, como seria?” aí eu pergunto: “olha para você e olha pra ela, só me diga a diferença?” Porque primeiro para você propiciar a igualdade, você tem que saber quais são as crianças, porque não existe um igual. O igual ele tem que ser comparado justamente buscando a diferença, o que há de bom? A tua diferença tem coisa positiva e a dele também, então quando você trabalha a diferença de forma positiva, você leva para a contribuição positiva. Se fosse tudo igual não teria a famosa diversidade, outra coisa, com vocabulário próprio do entendimento deles.

Mas atrapalha mesmo, porque você... eu vou falar por mim, principalmente aquela tristeza que você ver com um ser que nasceu totalmente despido de tudo, e que você tem que fazer aquele trabalho na sua sala, mas em casa você não sabe como é, aí você não sabe se aquilo ali vai ter efeito, mas ainda assim o pouco que tu percebe, que tu atinge é confortante. Mas atrapalha, eu diria que atrapalha 80% da aprendizagem, isso eu falo da pratica do professor.

Agora como aluno, a mais terrível, o aluno ele começa a oferecer resistência a estar na sala de aula, porque tem o coleguinha que provocam, as vezes tem aluno que na tua frente ele faz que não percebe porque é silencioso, ele trata mal, ele distra do outro, e o aluno ele se sente tão inibido que ele não te fala, porque ele não quer falar alto para que os outros vejam. Aqui eu tenho algumas situações, e é por isso que eu atribuo o caderninho do intervalo, aquele caderninho tu colocas os nomes deles com um X, o aluno tem que fazer de tudo para o nome não ir pro caderno do intervalo porque senão ele fica sem intervalo. E uma das questões é de como ele trata o outro. Agente têm essa dificuldade.

Ruby: *Com certeza, isso ai meche até com o psicológico da criança né, as vezes parte até de uma brincadeira inocente que eles acham que aquilo ali não é prejudicial, mas pra ele não, pra pessoa que tá dizendo aquilo ali é normal, mas pra própria criança... mecho com o*

psicológico e a gente tem que tá sempre trabalhando, sempre alertando. Se acontece não é por falta de conscientização, porque a gente “tá” sempre alertando eles. Tem certas coisas que eles trazem de casa. A gente pode até trabalhar, mas quando chega em casa, entrou aqui saiu aqui, porque as vezes em casa não tem aquele dialogo, aquela conversa, só é xingamento, palavrões. E tem crianças aqui que só fala de morte. Isso tudo influencia na aprendizagem. A gente também, sempre mostra as consequências. A gente não quer que isso aconteça com eles.

Aqui vemos que os preconceitos presentes no ambiente escolar afetam sim no ensino e aprendizagem do aluno, não tem como um aluno aprender se ele não se sente bem no ambiente, não tem como o aluno tirar suas dúvidas se ele não se sente bem confortável com o educador ou até mesmo tem medo do que os colegas de classe podem dizer.

O aluno negro se sente oprimido. Segundo Julio Aquino, (1998, p. 50) “Sabemos que a tarefa inerente e principal de toda estrutura educacional, especialmente a escola, é a de promover o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano nas diferentes dimensões: sociais, cognitivas, emocionais e motoras.” A escola tem consigo esta grande responsabilidade, de assim levar o ensino e aprendizagem, assim desenvolvendo e envolvendo o meio social, emocional como também o motor.

O vínculo afetivo que o professor estabelece com o aluno em sala de aula, deve ter um caráter libertador e de confiança no cotidiano, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar. Dessa forma, o vínculo afetivo estabelecido, favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno no cotidiano escolar (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.13)

O educador necessita de um grande vínculo afetivo com seu aluno, assim dando liberdade e confiança, por tanto, levará ao combate de preconceitos no ambiente escolar. O professor garante ao aluno segurança e respeito. O carinho para com seus alunos levará a uma construção de aprendizagem, que é fundamental no período de escola.

Somos pessoas completas, com afeto, cognição e movimento. Relacionamo-nos com um aluno que também é uma pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento. Somos componentes privilegiados do meio de nosso aluno (WALLON, 1986, p. 86 APUD PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p. 17).

Sendo Wallon, somos uma pessoa completa, e a criança não é diferente, ela também tem afeto, cognição e movimento, como também precisamos disso elas são da mesma forma. Precisa desse afeto do educador relacionado a ela.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será possível chegar ao fim do preconceito? Creio que sim, mas precisamos contar com uma “boa educação” que seja democrática e que tenha qualidade, é por meio dela que a transformação na sociedade acontece, onde levará a consciência das desigualdades, acesso à cidadania e a dignidade humana. Mas, é perceptível uma grande falta de alunos negros nas escolas, mesmo que eles estejam com seu corpo presente, o negro não é visto, não tem voz, se sente intimidado, creio que isso irá de mudar.

Acho impossível fazer política sem étnica e no meu caso isso tem a ver com respeito às classes populares. Não poderia aceitar permanecer numa assessoria no ministério se não me encontrasse realmente envolvido num trabalho para valer (PAULO FREIRE, 1987, p, 14). O próprio autor diz que é impossível fazer política sem o respeito para com às classes de nossa sociedade, é preciso a valorização de onde as crianças vem e como também quem ela é.

Segundo Freire (1987) “Não há dinheiro para construir casas e preciso de escolas para crianças”, esta é uma fala de Djalma um grande amigo de Paulo Freire, ele diz isso para um Ministério de educação, que leva em poucos tempos leva a construção de escolas. Por tanto, “não precisamos de escolas, necessitamos de respeito”, nossos alunos precisam de respeito independente de cor, raça e status sociais.

Na verdade, nessa questão do tempo da alfabetização, sem desrespeitar certas condições biocognitivas necessárias do educando e também as psicológicas e emocionais, enfim, todo esse conjunto que tem a ver com a postura do sujeito que conhece, a alfabetização depende muito do tempo histórico em que ela se dá (PAULO FREIRE, 1987, p.30), para se chegar a alfabetização depende de alguns aspectos, sendo eles em especial psicológicos e emocionais, uma criança que não vai bem não consegue aprender, as crianças precisam se sentir bem onde ela se encontra.

Espera-se que, com este trabalho, possa se colocar em pauta a visão sobre o ensino voltado para a valorização das diversas culturas e se tenha novas práticas, sem que se esqueça do respeito. Nesse sentido é que precisamos entender que é na escola que faz parte da construção de identidade.

Como diz na fala de uma das professoras pesquisadas, é passo em passo que se constrói um todo, como também depende de cada um fazer sua parte, nós como educadores necessitamos fazer a nossa parte para o melhor de nossos alunos e o melhor para o convívio em sociedade.

As escolas precisam está preparadas para acolher seus futuros alunos. É preciso parar para ouvir o que as crianças tem a dizer, é preciso observa-las, é preciso de atenção, é preciso de amor, é preciso de respeito. Convido futuros professores e professores para esta reflexão, para mudar nossa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** – São Paulo: Summs, 1998.

ARAÚJO, Ilze Arduini de. Discriminação racial em sala de aula. **Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil**, 2012.

BRASIL, **Plano de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL. **Decreto N° 9.009, de 18 de julho de 2017.** Disponível em: <https://www.fn.de.gov.br/index.php/legislacoes/decretos/item/10941-decreto-n%C2%BA-9099,-de-18-de-julho-de-2017>. Acessado em: 23/03/2020

BRASIL. Lei 10.639. Brasília, 2003.b <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>. Acessado em 22/03/19.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasil, 2018.

CHABANNE, Jean-luc. **Dificuldades de aprendizagem: um enfoque inovador do ensino escolar.** Tradução Regina Rodrigues. – São Paulo: Ática, 2006.

CHARTIER. Roger. **O Mundo como Representação.** Estudos avançados. 1991.

DA SILVA, Tomaz Tadeu, et al. **A produção social da identidade e da diferença. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.*** Petrópolis: Vozes, 2000, 73-102.

DA VIOLÊNCIA, Atlas. Rio de Janeiro: Ipea. **FBSP. jun**, 2018.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** 12 ed. São Paulo, Paz e Terra 2003.

FREIRE, Paulo. **Aprendendo com a própria história.** Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade** / ed. Ver. Atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala em quadrinhos** / adaptação Estêvão Pinto: Ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues; colonização de Noguchl, - 2. Ed. – São Paulo: Global, 2005.

GARCES, Solange Beatriz BILLING. Classificação e tipos de pesquisas. **Universidade de Cruz Alta-Unicruz**, 2010.

HALL, Stuart, et al. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. 1º edição atualizada – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2016-2018.

LOPES, Cristina. Or. **Cotas raciais: Por que sim?** / uma publicação Ibase - 2.ed. - Rio de Janeiro : Ibase : Observatório da Cidadania, 2006.

MAGGIE, Yvonne. Uma pedagogia racial? **Revista USP**, São Paulo, nº68, p. 112 – 129, dez/fer. 2005-06.

NETTO, Raymundo. Org. **Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio** / vários autores; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A historia africana nas escolas brasileiros. Entre o respeito e o vivido da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006)**. História, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Maria José de Araújo; GONÇALVES, Renata. Afetividade: Caminho para a aprendizagem. **Alcancead**, v. 1, n. 1, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2016.

SOUSA, Arylicia Giseli de Melo; LIMA, Antonia Silva de. A diversidade étnica na educação infantil: minimizando desigualdades ou difundindo estereótipos? **Imagens da Educação**, v. 7, n. 2, p. 64-75, 2017.

SOUZA, Marcia Regina Domanoski de. OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Produções Didático-Pedagógicas: **Caderno Pedagógico**. Paraíba, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. Criança negra e discriminação étnica na escola e movimentos pela educação popular. **Padê, Brasília**, v. 1, n. 2, p. 89-111, jul./dez. 2007.

APENDICE**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO EDUCADOR PARA A REALIZAÇÃO DA
ENTREVISTA****Perfil do pesquisado:**

Sexo: _____ Idade: _____

A quanto tempo está em sala de aula: _____

Qual sua formação atual:

Roteiro de Entrevista:

1. O que você entende sobre a Lei 10639/2003?
2. Você acredita que a trajetória do negro é estudada em nossa sociedade?
3. Quais as situações de discriminação e desigualdades presentes na escola?
4. O que você tem feito enquanto educador para a construção de um ambiente escolar igualitário?
5. De que forma o ambiente escolar e o professor pode auxiliar na aceitação da diversidade étnico racial e o respeito na sociedade?
6. Você tem procurado investir na sua formação sobre as questões raciais?
7. A linguagem usada no cotidiano escolar tem o poder de influenciar no racismo e discriminação?
8. Quanto ao trabalho escolar, quando, onde e por quem é falado sobre as questões racial?
9. Muitos livros já foram publicados referente a este tema, a escola o disponibiliza na biblioteca para alunos e educadores?
10. Quando você pronuncia as questões étnicos raciais e indígenas?
11. A escola procura promover estereótipos que inferiorizam estes povos?
12. Você como educador ver que os preconceitos presentes no ambiente escolar afetam o ensino e aprendizagem?

RODA DE CONVERSA COM EDUCANDOS NEGROS

Identificação dos alunos pesquisados:

Idade: _____ Ano letivo: _____ Sexo: _____

Moram _____ com _____ quem:

_____ trabalham: _____

Questionário para roda de conversa:

1. Porque vocês vêm a escola?
2. Vocês gostam de estudar?
3. Quem sabe ler e escrever?
4. O que vocês querem ser quando crescerem?
5. Vocês estudam casa?
6. Vocês se acham bonitos?
7. O que é uma pessoa bonita para vocês?
8. Qual a cor da pele de vocês?
9. Vocês sabem o que é preconceito ou racismo?
10. Vocês sofrem preconceito pela cor de vocês ou cultura?
11. Como é estes preconceitos?
12. Vocês se concentram na aula da professora?
13. Quando vocês sofrem preconceito na escola, algum professor fala alguma coisa?